

**ENTREVISTA INICIAL COM HOMENS ENVOLVIDOS EM SITUAÇÃO DE  
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: PSICOEDUCAÇÃO E ACOLHIMENTO - LA SALLE  
SAÚDE/RS**

**INITIAL INTERVIEW WITH MEN INVOLVED IN SITUATIONS OF DOMESTIC  
VIOLENCE: PSYCHO-EDUCATION AND RECEPTION - LA SALLE SAÚDE  
CLINICAL/ RS**

**Denise de Souza<sup>1</sup>**

**Leonardo Martins Costa Garavelo<sup>2</sup>**

**Resumo**

A Lei Maria da Penha veio ao encontro de uma demanda que buscou fornecer suporte às vítimas de violência doméstica. O acompanhamento terapêutico compulsório é uma das medidas de reeducação e recuperação previstas na Lei. Para que a Psicoterapia ocorra de modo eficiente, é fundamental estruturar a técnica de entrevista para atender ao público direcionado. Neste estudo buscou-se como objetivo geral evidenciar um instrumento de entrevista inicial para Psicoterapia breve focal compulsória, com ofensores envolvidos em situação de violência doméstica. Os objetivos específicos foram descrever o uso do instrumento para entrevista inicial em psicoterapia breve focal, identificar a contribuição na formação do vínculo terapêutico e analisar o instrumento utilizado na clínica La Salle Saúde, no Projeto de Núcleo de Assistência às Situações de Violência Doméstica (NASVID), Canoas/RS. Após a análise documental, foram evidenciados alguns aspectos relevantes para a aplicação de um instrumento direcionado ao público, como a formação de vínculo e as possibilidades de intervenções efetivas.

**Palavras-Chave**

Entrevista Psicológica; Violência Doméstica; Ofensores; Psicoterapia breve focal

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de graduação em Bacharelado de Psicologia, Universidade La Salle.

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia Social e Institucional pelo PPGPSI/UFRGS. Professor da Universidade La Salle.

### **Abstract**

The Maria da Penha Law met a demand that sought to provide support for victims of domestic violence. Compulsory therapeutic follow-up is one of the reeducation and recovery measures provided by law. For psychotherapy to occur efficiently, it is essential to structure the interview technique to serve the target audience. In this study, the general objective was to demonstrate an initial interview tool for compulsory brief focal psychotherapy, with offenders involved in domestic violence. The specific goals were to describe the use of initial interview tool on brief focal psychotherapy, to identify the contribution in the formation of the therapeutic bond and to analyze this tool used by La Salle Saúde clinic in the Assistance Nucleus for Situations of Domestic Violence Project (NASVID) in Canoas/RS. After document analysis, some relevant aspects for tool application aimed at the public were highlighted, such as bonding and the possibilities of effective interventions.

#### **Keywords**

Psychological Interview; Domestic violence; offenders; brief focal psychotherapy

## 1 INTRODUÇÃO

A Psicologia atua com os mais diversificados cenários e fatores da sociedade. A transformação desta sociedade traz consigo a necessidade de adequação profissional para as novas demandas. No Brasil, cresce o número de atendimentos psicoterápicos não voluntários ou compulsórios, reforçando assim a necessidade que profissionais da psicologia possam repensar e discutir intervenções terapêuticas dirigidas e adequadas para esses casos (BECKER e BENETTI, 2014). Os ofensores enquadrados juridicamente na Lei Maria da Penha, são exemplos de parte da sociedade que realiza acompanhamento psicoterápico compulsório, já que são encaminhados aos serviços especializados por demanda judicial.

Neste estudo buscou-se como objetivo geral evidenciar um instrumento de entrevista inicial para Psicoterapia breve focal compulsória, com ofensores envolvidos em situação de violência doméstica. Os objetivos específicos foram descrever o uso do instrumento para entrevista inicial em psicoterapia breve focal, identificar a contribuição na formação do vínculo terapêutico e analisar o instrumento utilizado na clínica La Salle Saúde, no Projeto NASVID/Canoas.

O problema de pesquisa foi pensado a partir da necessidade de elaborar-se instrumentos adequados ao público que realizará a psicoterapia breve focal e a possibilidade de disseminação destes instrumentos que demonstram na prática, efetividade na formação de vínculo. Partiu-se então dos seguintes questionamentos: Como é realizada a entrevista inicial com ofensores envolvidos em situação de violência doméstica, realizando psicoterapia breve focal compulsória? Quais os aspectos interligados às perguntas do instrumento analisado? Como o instrumento pode contribuir para o desenvolvimento do vínculo entre terapeuta e paciente?

Sabe-se que o processo psicoterapêutico necessita de condições, instrumentos e técnicas para que possa ocorrer de forma significativa e com retornos satisfatórios. Para isso a motivação é um fator de extrema importância independente da abordagem teórica da profissional Psicóloga. Para Bordin (1979), a motivação constitui a origem da aliança terapêutica, onde há a construção do vínculo entre paciente e terapeuta em que o paciente está disposto a colaborar e seguir as recomendações de seu tratamento. Outros aspectos como a abordagem teórica, os recursos internos do paciente e da terapeuta e a qualidade da aliança terapêutica também influenciam no decorrer do acompanhamento

em psicoterapia. Ressaltando sempre que é papel da terapeuta proporcionar condições de acolhimento de forma empática com o paciente, para que juntos possam desenvolver uma boa aliança terapêutica (YOSHIDA, 2001).

Defini-se como psicoterapia compulsória aquela determinada judicialmente, que difere da psicoterapia obrigatória ou involuntária, que ocorre por determinações internas de instituições ou decisões de responsáveis que não sejam o próprio paciente (BECKER e BENETTI, 2014). Em pesquisa realizada com homens possíveis ofensores de violência doméstica, os pesquisadores Reis e Ramos (2010), expõem que os participantes iniciavam o acompanhamento psicoterápico contra a sua vontade, apresentando, no decorrer das sessões, a identificação da necessidade de realização deste acompanhamento. Dessa forma, o estabelecimento de vínculo permitiu a evolução do trabalho terapêutico e possibilitou reflexões e investimento dos homens atendidos.

Fritz (2006) afirma que a obrigatoriedade de tratamento pode interferir no vínculo entre paciente e terapeuta, tornando a realização de intervenções algo mais complexo, devido à negação do motivo ou problema e a ausência da identificação de que precisa de ajuda. Por ser um processo complexo, se dá a importância da utilização de técnicas adequadas para o estabelecimento deste vínculo, considerando o curto período de acompanhamento terapêutico e a necessidade de um engajamento rápido para que se alcance os objetivos dos atendimentos.

### **Violência doméstica**

Para que se possa discutir violência doméstica, é preciso pensar os aspectos sociais e históricos que constituem os atos. Saffioti (2004) trabalha com o termo “patriarcado” para expor as questões de violência contra a mulher. Para a autora, a configuração de uma hierarquia relacional entre homens e mulheres, por meio de uma estrutura de poder que promove a desigualdade, traz uma relação ideológica que agrega a violência. Por este olhar construído historicamente a violência doméstica faz parte do sistema patriarcal e especificamente a violência contra as mulheres vem ao reforço desta estrutura de poder, onde a submissão é imposta a qualquer custo. Por consequência de um regime patriarcal de contexto histórico, a mulher pode ser vista enquanto objeto de satisfação masculina, força de trabalho reduzida ao lar e a criação de herdeiros, em uma posição de subserviência. A dominação e a opressão são fatores que influenciam diretamente na violência doméstica. O homem, condicionado aos seus atravessamentos “macho

dominador” sente-se estimulado ao uso de força física, enquanto potente dominador para com as mulheres, fatores que vêm acompanhados de violência (SAFFIOTI, 2004). Em situações de violência doméstica encontramos sempre a existência de um ofensor ou agressor e de uma vítima destes atos, no entanto, estes papéis podem oscilar, uma vez que a violência é bidirecional (MACHADO e GONÇALVES, 2002).

No Brasil, o marco da transformação no que tange a violência doméstica foi a criação da Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) (BRASIL, 2006), que aborda não somente a violência física mas também a violência psicológica, sexual, patrimonial e moral. Com esta classificação, foi possível responsabilizar criminalmente os possíveis autores de violência facilitando a justiça para as mulheres ofendidas.

No artigo 35 e 45, inciso V, (BRASIL, 2006), estão expostas as informações referentes aos centros de educação e reabilitação de ofensores e a possibilidade do juiz determinar o comparecimento compulsório do ofensor aos programas de recuperação e reeducação de agressores (AZEREDO e NETO, 2015; BRASIL, 2006). Ações como estas têm origem na década de 1970, nos Estados Unidos, chegando ao Brasil nos anos 1990, com participação e apoio dos homens à luta feminista, além do apoio de instituições sociais, de saúde mental e religiosas (LOPES e LEITE, 2013). No contexto atual, os possíveis ofensores são encaminhados para serviços de psicoterapia breve focal ou para participação em grupos reflexivos. O atendimento individual se constitui em encontros pré determinados, para realização de ações educativas durante a psicoterapia breve focal. Prates e Alvarenga (2014) explicam que os grupos reflexivos atuam em um modelo de intervenção grupal, com objetivo de desnaturalizar padrões de gênero e de ideologia patriarcal. Ambas as formas de atendimento buscam a socialização baseada na equidade de gênero e no repensar das masculinidades. Trabalhar com ofensores é de extrema importância para que se possa obter mudança significativa e quebra da repetição daquele comportamento. Para Saffioti (2004) a violência doméstica e familiar segue uma rotinização em que há co-dependência e estabelecimento de uma relação fixada, por isso a importância do trabalho também com homens.

## **Núcleo de Assistência às Situações de Violência Doméstica (NASVID)**

O núcleo NASVID trata-se de uma parceria entre a Vara de Violência Doméstica, do Fórum da Comarca, na cidade de Canoas/RS e a Universidade La Salle. O projeto surgiu em 2017, com o objetivo de promover a assistência psicológica aos ofensores envolvidos em processos relacionados à Lei Maria da Penha, assim como às ofendidas (FREITAS *et al.*, 2018). As atividades de atendimento individual ou em grupo reflexivo são realizadas pelos estagiários do curso de Psicologia, da Universidade La Salle, parte do Serviço escola de Psicologia - La Salle Saúde com acompanhamento das supervisoras Psicólogas do serviço e preceptor Psicólogo. Os atendimentos realizados pelos estagiários contemplam as atividades orientadas por professor (a) e supervisor (a) Psicólogo (a) devidamente capacitados para o desempenho das atividades, além da realização de seminários científicos com as temáticas dos atendimentos.

A técnica implementada nos atendimentos é a da Psicoterapia Breve Focal, com atendimentos semanais individuais, totalizando a oferta de 8 sessões, onde as intervenções são alinhadas junto à supervisão do serviço. Também na realização de grupo reflexivo semanal, totalizando 12 encontros, com os estagiários atuando enquanto facilitadores, em duplas e em revezamento, com atividades de intervenção planejadas previamente. No processo inicial dos atendimentos, os participantes das duas modalidades passam pela entrevista inicial, em que é utilizado um instrumento que foi elaborado pela equipe de supervisão do serviço-escola, Psicólogos habilitados com ampla experiência nos atendimentos terapêuticos. Este instrumento é composto por questões diversificadas que agregam informações de extrema importância para o decorrer do acompanhamento dos participantes. Nos atendimentos individuais, o questionário é desenvolvido em 3 a 4 sessões em média, para que se permita ao ofensor uma possibilidade maior de elaboração em relação aos temas. Para os participantes do grupo reflexivo o questionário é realizado individualmente em um primeiro atendimento, onde as perguntas são realizadas de forma mais direta, para traçar um perfil do participante do grupo, além de ser um material de consulta no decorrer do andamento do grupo reflexivo. Um mesmo instrumento, que contempla objetivos diferentes de atendimento do NASVID.

Um estudo realizado com homens ofensores, de outro núcleo de atendimento em mesmas competências na cidade de Canoas, evidenciou que a prevalência dos ofensores foi na faixa de 32 a 38 anos (30%), seguida de 39 a 46 anos em que a maioria

(95%) declarou-se de raça branca, de baixa escolaridade (35% ensino fundamental), com fonte de renda em trabalho formal (45%), casa própria (80%) e em uso de medicamentos antidepressivos (85%) (GEDRAT *et al.*, 2020). Diante deste cenário de um público com um perfil de diferenciadas faixas etárias e níveis de escolaridade, a utilização de um instrumento de entrevista formado por perguntas abertas, se faz importante para o decorrer dos atendimentos.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **Aspectos metodológicos**

O presente estudo qualitativo será composto de uma abordagem descritiva, “onde o pesquisador procura conhecer e interpretar a realidade, sem nela interferir para modificá-la” (RUDIO, 2009, p.69). A pesquisa descritiva se propõe a conhecer a composição, processos que constituem, indagando se um fenômeno acontece ou não, que semelhanças ou diferenças existem entre determinados fenômenos (RUDIO, 2009).

Em relação a técnica de coleta de dados, optou-se por realizar uma análise documental; “A característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias (LAKATOS e MARCONI, 2005 p.176) . Esta importante técnica para a pesquisa qualitativa, contribui complementando informações obtidas por outras técnicas ou ainda auxiliando no processo de elucidar aspectos novos de um tema (BAUER e GASKELL, 2002; LUDKE e ANDRÉ, 1986). Esta técnica pode ser utilizada como método autônomo, onde a pesquisa contará com a informação sobre aquela realidade em estudo que estiver documentada neste tipo de dado, devendo sempre vê-lo como meio de comunicação, importando sempre a finalidade para a qual o documento foi criado, com qual objetivo (FLICK, 1956).

O documento analisado (ANEXO 1) trata-se de um instrumento para entrevista com homens envolvidos em situação de violência, de autoria da supervisão do Núcleo de Assistência às situações de violência doméstica, na instituição La Salle Saúde, que abriga o Serviço Escola de Psicologia da Universidade La Salle, no município de Canoas/RS. O instrumento é a referência nos atendimentos iniciais com os possíveis ofensores encaminhados pelo fórum para realização de um projeto de terapia breve focal compulsória que inclui 8 sessões de acompanhamento.

## Uma entrevista inicial com “supostos ofensores”

Alguns dados são comuns para qualquer finalidade de entrevista psicológica ou de anamnese, pois existem informações relevantes para um início de um acompanhamento psicológico que independente do objetivo para o qual o instrumento foi criado irão se repetir. No entanto, a adequação de instrumentos aos objetivos faz com que se evite situações desnecessárias e proporciona uma facilidade no desenvolvimento da psicoterapia breve focal.

Para Gómez (2009), a importância da utilização de um instrumento de entrevista se dá por considerar que esta é a única técnica para coleta de dados que atua como um processo de avaliação intervenção. Para o autor, existem diferenças entre quem pergunta para saber o que se passa, e quem sabe levar um guia (roteiro), com uma ordem em suas perguntas. A terapeuta no desenvolvimento da entrevista inicial deve ser apta a perceber e reagir a mudanças, utilizando palavras apropriadas não ferindo a sensibilidade do entrevistado que está em posição de paciente. Com isso, não basta se ater a uma lista de perguntas preparadas, é preciso conduzir as perguntas sem impaciência (GÓMEZ, 2009).

Nas entrevistas direcionadas aos possíveis ofensores, algumas perguntas comuns em anamneses como histórico do nascimento (gravidez de sua mãe, o parto) não se fazem tão relevantes quanto seriam em outras ocasiões de psicoterapia. No entanto, perguntas relacionadas à suposta agressão cometida são fundamentais para auxiliar no desenvolvimento da psicoterapia breve focal. De acordo com Carbajosa *et al.* (2013), entrevistas para o tipo de população de possíveis ofensores são um grande desafio, considerando que os mesmos podem apresentar uma motivação reduzida, ou nenhuma motivação para a mudança e que possuem crenças instituídas que banalizam e minimizam o comportamento violento, ostentando mecanismos de defesa pouco adaptativos. É preciso refletir sobre as maneiras de perguntar, pois estas podem limitar, induzir, facilitar ou dificultar a obtenção de dados e a interação entre entrevistador e entrevistado, é preciso saber escutar e ajudar na exposição de informações dando continuidade na entrevista a partir do que foi falado (GONGORA, 2012). Desenvolvendo a habilidade de manter a interação, é possível dar uma continuidade e coerência entre a fala e os demais comportamentos entre os envolvidos na entrevista (GONGORA, 2012). Durante o processo da entrevista é preciso atuar com flexibilidade, buscando

conduzir com fluidez, podendo avançar ou retroceder, e aprofundar as perguntas (GÓMEZ, 2009; SCORSOLINI-COMIN, 2016).

O instrumento analisado inicia com os dados de identificação, que vêm ao encontro de necessidades práticas para contato com o paciente, assim como sua rede de apoio através de um contato de emergência que poderá ser chamado em caso de necessidade. Bleger (2001) recomenda que a entrevista seja iniciada com perguntas mais gerais, informadas de maneira direta e simples, que sejam claras, sem segundas intenções e adequadas à situação evitando perguntas que sejam complexas neste momento. É preciso levar em conta que apesar dos casos serem semelhantes, as pessoas envolvidas são diferentes e por isso os profissionais irão refletir sobre quais estratégias irão adotar em cada situação problema (GÓMEZ, 2009).

Etnia e religião são perguntas de extrema importância para a compreensão do sujeito e de seus enfrentamentos. Enquanto a religião pode atuar como um suporte espiritual mediador de conflitos, também pode ter práticas comportamentais que podem vir a influenciar no modo de vida do sujeito. Em relação a etnia, um estudo realizado por Scott e Oliveira (2018) com o objetivo de traçar um perfil dos homens autores de violência doméstica em uma região do Nordeste do Brasil, mostrou que a etnia dos participantes foi de predominância de homens brancos dentre os autores de violência. No entanto, ao iniciar um acompanhamento em psicoterapia, é preciso ter em mente que aos homens negros, existirá sempre um fator complementar a ser trabalhado nestes contextos de violência doméstica, o racismo. A relação da sociedade com o homem negro o coloca historicamente como um corpo considerado superdotado de habilidades físicas relacionadas a virilidade típica dos “criados”, herança de um período escravocata que ainda reflete na sociedade brasileira (BLAY, 2014). Os atributos positivos relacionados aos negros se mantêm racializados e a raça exerce funções simbólicas valorativas e estratificadoras. Para (FANON, 2008) o racismo não se limita a hierarquizar brancos e negros, mas acima disso, está na fixação de atributos biológicos nos indivíduos, que torna o negro como invisível reduzindo-o às suas dimensões físicas estereotipadas que expressam o racismo até mesmo em espaços de pseudo-valorização do negro, que não é mais um homem e sim é um homem negro (FANON, 2008). É preciso enquanto profissionais da Psicologia, estarmos atentas para não reproduzir no espaço de psicoterapia representações racistas onde o negro é reduzido a dimensões corporéas, que como Blay (2014 p.83) coloca: “tão grande, tão bruto, tão negro, com mãos rústicas

e exacerbados instintos libidinais em sua busca desenfreada pela mocinha (ultrafeminina) de tez claramente virginal e corpo frágil". Do contrário, o possível homem negro ofensor sofrerá os impactos do racismo no espaço de psicoterapia assim como nos demais espaços da sociedade sob um sistema de supremacia branca, patriarcal e capitalista.

A observação é parte do acompanhamento terapêutico e uma estratégia de obtenção de mais informações sobre o que o paciente traz. Através da observação se pode encontrar o não dito, que pode emergir do comportamento não verbal, que nos possibilita analisar concordâncias e divergências do que se é dito de forma verbal (GÓMEZ, 2009). Cabe à Psicóloga ter um posicionamento crítico e incisivo, preparando-se para este tipo de conduta e analisando quais concordâncias e divergências podem contaminar toda a informação transmitida na entrevista (QUINTANA, 2010; SILVA e ROVINSKI, 2012). É o papel da psicóloga a investigação do mundo psíquico e a fundamentação de uma linha de compreensão do que foi delimitado, demonstrando que a coleta de dados não tem fins de levantamento de provas, nem condenações ou absolvições (SERAFIM e SAFFI, 2014).

A postura de quem está realizando a entrevista é de extrema importância Scorsolini-Comin (2016) aborda a necessidade de transmitir tranquilidade, proporcionando um clima de respeito e de acolhimento, deixando de lado os ares de formalidade. Na construção dessa relação inicial será possível estabelecer o contrato terapêutico, onde as regras de atendimento e demais informações sobre os encontros serão combinados deixando clara a posição de não julgamento sobre respostas certas ou erradas (CASTRO, 2005; SERAFIM e SAFFI, 2014). À Psicologia, caberá a função de compreender os posicionamentos do paciente e como este interpreta determinado evento, assunto ou tema (GÓMEZ, 2009; SCORSOLINI-COMIN, 2016).

### **Entrevistando homens, conhecendo humanidades**

O formulário de entrevista tem em sua continuidade, uma pergunta sobre a percepção do entrevistado com relação ao atendimento psicológico ou psiquiátrico. Esta pergunta permite uma aproximação dos sentimentos envolvidos em estar ali naquele momento para uma atividade de psicoterapia compulsória que em grande maioria é desconhecida para estes homens, assim como permite um entendimento do que o entrevistado possui de conhecimento sobre os encontros que irão ocorrer. Neste momento surge a

possibilidade de falar sobre o objetivo do acompanhamento, de desconstruir o ciclo de violência, onde o homem irá poder questionar seus valores que reforçam o machismo e abrindo-se assim à possibilidade de psicoeducá-lo sobre a violência doméstica (SILVA *et al.*, 2019). Dando seguimento aos aspectos sociais e também da saúde física e mental do entrevistado, estão expostas algumas perguntas sobre possíveis tratamentos psicoterápicos ou psiquiátricos realizados, bem como tratamentos para doenças crônicas e problemas de saúde, e para complementar as perguntas sobre a vivência de alguma situação traumática ou problemas de aprendizagem escolar. Dessa forma, ampliando a possibilidade de identificar possíveis traumas ou problemas escolares abordando de forma mais detalhada a saúde mental. O uso de medicações e os acompanhamentos de saúde irão auxiliar no processo de entendimento sobre o autocuidado.

Questionar o possível ofensor sobre sua situação profissional e financeira, se faz necessário, considerando que a ocorrência de situações de desemprego têm se mostrado fator relevante no aumento da violência doméstica, assim como níveis de educação (MARTINS, 2019). Assim como questionar a situação familiar do paciente pode contribuir para evidenciar aspectos transgeracionais, problemas financeiros e demais situações que podem interferir na saúde mental.

### **A violência segundo o possível ofensor**

A Lei nº 11.984 , que complementa Lei nº 11.340 (Lei Maria da Penha), estabelece os critérios da frequência do possível ofensor à centro de educação e reabilitação, com o acompanhamento psicossocial do agressor, por meio de atendimento individual e/ou em grupo de apoio (BRASIL, 2006, 2020). Durante o acompanhamento, o possível ofensor irá trazer sua fala a respeito não somente da violência ao qual responde judicialmente, mas também sobre suas vivências e sofrimentos. Tratam-se de “eus fragmentados”, que de acordo com Spink (2010), por intermédio da linguagem precisam reconstruir o “si mesmo” por serem aqueles que não estão em acordo com normas morais. Neste processo, o sujeito não pode narrar a si mesmo sem se responsabilizar-se, esta responsabilidade não está alheia às condições sociais em que está inserido (BUTLER, 2015). “O narrar, o falar de si é uma tarefa sem fim. Sem fim pois, ao falar de mim, falo de tudo que constrói e, nesse processo, não sei o que é meu e o que é da sociedade

que molda” (SPINK, 2010) (Spink, 2010, p.48). Nessa fala de cada um é que as ações de reabilitação podem ser conduzidas durante as sessões de psicoterapia.

Na etapa da entrevista que chega-se a relação com os atos de violência que geraram o processo, os questionamentos abordam a denúncia em si, quem a realizou, qual motivo na percepção do possível ofensor, se retomaram o relacionamento, se estava sob uso de alguma substância psicoativa no momento do ocorrido, em caso afirmativo abre-se o tipo de substância e a quantidade. Paixão *et al.* (2018) realizou um estudo demonstrando que os homens acionados criminalmente por violência doméstica naturalizam este comportamento como se fosse uma realidade da vida conjugal, não compreendendo portanto, o ato realizado como violência. A ausência dessa compreensão por parte dos homens reforça a herança de uma sociedade patriarcal, onde a responsabilização cai para a mulher que sofreu a violência, perpetuando assim relações de poder e diferenciação de gênero. Para (WELZER-LANG, 2001) a violência ainda está inserida nos espaços de socialização dos homens como parte do exercício de sua masculinidade. Surge nas brincadeiras infantis, nos esportes, nos bares, como se o “ser homem” incluísse os atos de exercer competição, discriminação e violência.

Em relação ao consumo de substâncias psicoativas, Calvete (2008) aborda que problemas de saúde mental em possíveis ofensores de violência doméstica são muito frequentes. Medrardo *et al.* (2011) afirma que os homens são a parte da população com maior consumo de álcool e outras drogas e para que os serviços de saúde possam atuar junto a este público, é necessário rejeitar medidas que tenham como objetivo punir, culpar e restringir, implementando formas de educação com redução de danos e discutindo a cidadania frente às questões de gênero e masculinidades. A população que consome substâncias acaba por ser mais suscetível a desenvolver comportamentos violentos, associando-se assim a violência doméstica por atuar enquanto fator desencadeante e/ou facilitador de situações de violência (MANITA *et al.*, 2009).

Quando o possível ofensor traz as suas percepções sobre a denúncia ocorrida, podem surgir alguns aspectos importantes, como eles próprios terem sido testemunhas e/ou vítimas de violência na infância (MARTINS, 2019). Algumas características de personalidade como hostilidade, ou irritabilidade, assim como transtornos de personalidade podem dar lugar a uma conduta violenta nas relações do dia a dia (NUÑEZ, 2013).

Na entrevista, também se questiona o quanto o paciente percebeu-se agressivo no momento da situação da possível violência. Para que o participante possa compreender-se enquanto agressivo, é importante que ele conheça os tipos de violência. Através desta pergunta podem surgir aspectos sobre o que é ser agressivo e o que seriam situações de violência. A violência pode ser classificada como física, onde há o uso de força por parte do ofensor contra a vítima com o objetivo de causar ferimentos, dano físico, podendo deixar marcas perceptíveis aos demais (puxões de cabelo, chutes, socos, mordidas, pontapés, queimaduras). Estes comportamentos variam em nível de gravidade podendo resultar em danos permanentes como o ocorrido com a própria Maria da Penha que nomeia a lei de proteção às ofendidas por violência doméstica, além do risco de vida aos quais este tipo de violência expõe a mulher. A violência psicológica ou emocional é praticada através do uso de palavras e também em comportamentos de manipulação e desprezo, além de injúrias, ameaças, críticas às ações realizadas pela mulher humilhando-a, acusações, perseguições. Todas essas atitudes são consideradas agressões. Na violência social o objetivo é promover o isolamento da mulher, afastando-a de sua rede de apoio como amigos e família. A violência econômica e patrimonial é aquela onde o controle do dinheiro é utilizado como agressão, através de proibições de compras, na patrimonial, bens materiais são escondidos, destruídos, tais como celulares, roupas queimadas, quebra de carros e outros objetos da mulher. A violência sexual ocorre na prática de imposição para relações sexuais não consentidas e contatos físicos que foram negados pela mulher (RODRIGUES, 2018).

Quando o possível ofensor responde sobre seu nível de agressividade, colocando-o em uma escala de 1 a 10, ele precisa refletir sobre o momento do ocorrido e analisar como estava agressivo naquele momento. Holtzworth-Munroe e Stuart (1994) definem os comportamentos agressivos sob dois aspectos: ações de violência expressiva onde há conduta agressiva motivada por sentimentos de raiva e ira, além de dificuldades no controle dos impulsos e violência instrumental que ocorre por um grau de insatisfação e que não gera sentimento de culpa no indivíduo. Dentro dessas ações de violência estão então os tipos de agressores propostos pelos autores: 1. Agressores impulsivos - pessoas emocionalmente instáveis, com rápidas alterações no humor, onde se deve investigar a presença de algum transtorno de personalidade. 2. Agressores instrumentais - apresentam níveis mais baixos de raiva e depressão, agredem e ameaçam a cônjuge quando não há satisfação de seus desejos, possuem características narcísicas. 3.

Agressores sobrecontrolados - demonstram maior passividade, são dependentes e com traços obsessivos, a violência surge como reflexo das suas carências pessoais.

O questionário aborda questões relacionadas ao histórico de envolvimento com ações criminais, assim como processos anteriores relacionados a violência doméstica, além da questão do porte de armas, que é uma informação importante a ser coletada. Estas perguntas contribuem na elaboração de um perfil destes possíveis ofensores, possibilitando uma maior compreensão sobre eles, com foco em aprimorar as intervenções realizadas. Atualmente, o sistema jurídico brasileiro apesar de preservar as características tradicionais, vinha tendo alguns movimentos para não mais adotar a punição como único modo de resposta às infrações cometidas. Estas ações podem proporcionar reflexão sobre suas condutas violentas. É preciso também salientar que nem todos os casos de violência doméstica podem ser pensados desta forma, visto que muitas vezes, manter o homem em liberdade pode causar risco à integridade física da mulher ofendida (BLAY, 2014).

### **Um possível ofensor, uma família ofendida**

Na etapa final da entrevista, abordam-se questões referentes à família do possível ofensor, questões sobre os filhos, convivência com eles, ações do conselho tutelar, assim como a relação com os pais, tios, avós com o objetivo de identificar possíveis agressões sofridas no núcleo familiar de convívio. Uma pesquisa realizada pelo Observatório da Mulher contra a Violência (INSTITUTO DE PESQUISA DATASENADO, 2017), demonstrou que mulheres que têm filhos com o autor da violência estão mais propensas a sofrer violência doméstica. Mulheres com filhos muitas vezes permanecem nas relações conflituosas por acreditarem que irão interferir na relação paterna de seus filhos (MARTINS, 2017).

Quando se questiona sobre algum fato que consideram ter marcado sua vida, pode-se identificar algum possível trauma, além de vivências anteriores com envolvimento de violência. Já que situações de violência na infância podem desenvolver associações entre o amor e a violência (BLAY, 2014). Nas perguntas sobre situações de crise, retomam-se possíveis vivências marcantes, abrindo para nomeação do que seriam estas situações (tristeza profunda, sentimento de vazio, desvalorização, ansiedade, desmotivação significativa, pensamentos persecutórios.) Abrindo então o espaço para

chegar na delicada pergunta sobre ideação suicida e possíveis internações em decorrência de quadros graves de alguma psicopatologia. A identificação de ideação suicida, irá gerar um atendimento de risco, que no caso do serviço-escola de Psicologia da Universidade La Salle, será atendido pelo aluno junto aos supervisores, profissionais Psicólogos. Considerando que o suicídio é a segunda maior causa de óbitos de homens no Brasil, (WHO, 2021) a ocorrência de atendimentos de risco não é algo incomum nos atendimentos.

Ao encerramento do formulário de entrevista, estão duas questões que abrem a possibilidade de um relato maior por parte do possível ofensor, onde ele pode falar como se sente em relação ao processo de violência e qual a expectativa na participação dos atendimentos individuais ou em grupo, além de perguntas complementares de uma anamnese que se considere necessária a inclusão. Neste momento é possível transmitir informações sobre o objetivo do acompanhamento, de ser um momento de reflexão sobre possíveis ciclos de violência, sempre tendo em vista os sentimentos deste paciente, suas emoções como raiva, possíveis sintomas de depressão por exemplo. Perspetivas psicoeducativas são relevantes no trabalho com possíveis ofensores conjugais pois baseiam-se em princípios da aprendizagem social onde se compreende que o comportamento violento é socialmente aprendido e reforçado, e promover modificação deste comportamento requer reeducação (TUTTY *et al.*, 2001). O processo terapêutico será construído baseando-se na promoção de proximidade com os pensamentos, sentimentos, motivações, condutas e relações, permitindo que o possível ofensor identifique outras formas de agir, de pensar e de se comportar, não só nas relações íntimas, como também na interação social com os outros (REDONDO *et al.*, 2012).

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pensar em formas de promover um acompanhamento adequado e de qualidade aos homens possíveis autores de violência doméstica é pensar na mulher. Além disso, é pensar também em redução dos índices de violência contra as mulheres que ainda vivenciam diariamente os resultados de uma história de abusos e desigualdade. Investigando e trabalhando as masculinidades, pode-se discutir preconceitos e estereótipos, modificando os sentidos destes discursos e práticas. O instrumento analisado no presente estudo proporciona uma técnica para formação de vínculo com o possível ofensor entrevistado, agregando todos os aspectos fundamentais para uma anamnese e também os aspectos específicos para o grupo ao qual está direcionado. A partir da demonstração da experiência realizada no NASVID, La Salle Saúde, espera-se fornecer novos elementos de contribuição para as estratégias que a Lei Maria da Penha veio a implementar. Ressalto também a importância da coleta adequada destes dados, onde se pode obter perfis, características comuns de possíveis ofensores, com isso novos instrumentos poderão ser adaptados.

#### 4 REFERÊNCIAS

- AZEREDO, Caroline Machado de Oliveira; NETO, Jayme Weingartner. Lei Maria da Penha: Um basta à Violência de Gênero. **Diálogo UnilaSalle**, n. 28, p. 59–72, 2015. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/2029>. Acesso em: 11 nov. 2022.
- BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2002.
- BECKER, Natacha Hennemann de Oliveira; BENETTI, Sílvia Pereira da Cruz. Fatores associados à formação da aliança terapêutica na psicoterapia obrigatória. **Estudos de Psicologia**, v. 19, n. 4, p. 296–304, 2014.
- BLAY, Eva Alterman. **Feminismos e Masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014-. ISSN 1413-8123.
- BLEGER, Jose. La entrevista psicologica: Su empleo en el diagnóstico y la investigación. **Temas de Psicología**, p. 9–41, 2001. Disponível em: [http://www.sc.ehu.es/ptwmamac/Capi\\_libro/36c.pdf%0Ahttps://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33632367/LA\\_ENTREVISTA\\_PSICOLOGICA\\_\\_SU\\_EMPLEO\\_EN\\_EL\\_DIAGNOSTICO\\_Y\\_LA\\_INVESTIGACION.pdf?response-content-disposition=inline%3Bfilename%3DLA\\_ENTREVISTA\\_PSICO](http://www.sc.ehu.es/ptwmamac/Capi_libro/36c.pdf%0Ahttps://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33632367/LA_ENTREVISTA_PSICOLOGICA__SU_EMPLEO_EN_EL_DIAGNOSTICO_Y_LA_INVESTIGACION.pdf?response-content-disposition=inline%3Bfilename%3DLA_ENTREVISTA_PSICO).
- BORDIN, Edward S. The generalizability of the psychoanalytic concept of the working alliance. **Psychotherapy: Theory, Research & Practice**, v. 16, n. 3, p. 252–260, 1979.
- BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Brasília, 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm).
- BRASIL. **Lei nº 13.984, de 3 de abril de 2020**. Brasília, 2020. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/lei/L13984.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L13984.htm).
- BUTLER, Judith. **Notes toward a performative theory of assembly**. Cambridge: Harvard University Press, 2015.
- CALVETE, Esther. Características de salud mental de los hombres que maltratan a su pareja. **Revista Española de Sanidad Penitenciaria**, v. 10, n. 2, p. 49–56, 2008. Disponível em: [https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1575-06202008000200004](https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1575-06202008000200004). Acesso em: 13 nov. 2022.
- CARBAJOSA, Pablo *et al.* Difficulties, skills and therapy strategies in interventions with court-ordered batterers in Spain. **Aggression and Violent Behavior**, v. 18, n. 1, p. 118–124, 2013. Disponível em: </record/2012-33245-001>. Acesso em: 11 nov. 2022.
- CASTRO, Lídia Rosalina Folgueira. A perícia psicológica nas varas de família. *In: A disputa de guarda e visitando interesse dos pais ou dos filhos?* 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 25–39.
- FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: Editora Civilização Brasileira, 2008.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 1956.

FREITAS, Andreia Chies *et al.* Violência Doméstica: o projeto NASVID como caso de sucesso da integração entre a psicologia e o direito. *In:* , 2018, Canoas. **SEFIC UNILASALLE**. Canoas: [s. n.], 2018.

FRITZ, P C. **Condenados a terapia: la terapia obligada como estrategia para la modificación de conductas violentas en agresores conyugales**. [S. l.], 2006. Disponível em: <http://www.portalpsicologia.org/servlet/File?idDocumento=3425>. Acesso em: 11 nov. 2022.

GEDRAT, Dóris Cristina *et al.* O perfil dos homens autores de violência doméstica: dados, considerações e ações tomadas. **Serviço social e sociedade**, n. 138, p. 164–174, 2020.

GÓMEZ, Fernando Jiménez. **Evaluación psicológica forense**. Salamanca: Solo Soluciones, 2009.

GONGORA, Maura. A entrevista de avaliação clínica com adultos. *In:* CABALLO, Vicente E (org.). **Manual para a avaliação clínica dos transtornos psicológicos: estratégias de avaliação, problemas infantis e transtornos de ansiedade**. São Paulo: Editora Santos, 2012. p. 43–62.

HOLTZWORTH-MUNROE, Amy; STUART, Gregory L. Typologies of male batterers: Three subtypes and the differences among them. **Psychological Bulletin**, v. 116, n. 3, p. 476–497, 1994. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/journals/bul/116/3/476>. Acesso em: 13 nov. 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA DATASENADO. **Relatório da Violência doméstica e familiar contra a mulher, junho/2017**. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasetenado/arquivos/aumenta-numero-de-mulheres-que-declaram-ter-sofrido-violencia>. Acesso em: 13 nov. 2022.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2005. *E-book*. Disponível em: [http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy\\_of\\_historia-i/historia-ii/china-e-india/view](http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view).

LOPES, Paulo Victor Leite; LEITE, Fabiana. **Atendimento a homens autores de violência doméstica: desafios à política pública**. Rio de Jan: Iser, 2013.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E D A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Carla; GONÇALVES, Rui Abrunhosa. **Violência e vítimas de crimes**. 2ªed. Coimbra: Quarteto, 2002.

MANITA, Celina *et al.* **Violência doméstica: compreender para internir**. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2009.

MARTINS, Jayne Cecília. **Determinantes da violência doméstica contra a mulher no Brasil**. 2017. - Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) - Universidade Federal de Viçosa, 2017.

MARTINS, Joana Soeiro. **Fatores de risco e tipologias de ofensores conjugais**. 2019. 57 f. - Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Universidade Fernando Pessoa, 2019. Disponível em: <https://www.cancer.org.br/sobre-o-cancer/prevencao/>.

MEDRARDO, Benedito *et al.* “Eu não sou só próstata, eu sou um homem!”: por uma política pública de saúde transformadora da ordem de gênero. *In*: GOMES, R. (org.). **Saúde do homem em debate**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011. p. 39–74.

NUÑEZ, Maria Inmaculada López. La construcción de la masculinidad y su relación con la violencia de género. **Comunitania**, n. 5, p. 61–84, 2013.

PAIXÃO, Gilvânia Patrícia do Nascimento *et al.* Naturalização, reciprocidade e marcas da violência conjugal: percepções de homens processados criminalmente. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, n. 1, p. 190–196, 2018.

PRATES, Paula Licursi; ALVARENGA, Augusta Thereza de. Grupos reflexivos para homens autores de violência contra a mulher: sobre a experiência na cidade de São Paulo. *In*: Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

QUINTANA, Maria Concepción Romero. Evaluación psicológica en el medio penitenciario. *In*: SIERRA, Juan Carlos; JIMÉNEZ, Eva M; BUELA-CASAL, Gualberto (org.). **Psicología forense: manual de técnicas y aplicaciones**. Madrid: Biblioteca nueva, 2010. p. 372–415.

REDONDO, João *et al.* **Manual SARAR – Sinalizar, Apoiar, Registrar, Avaliar, Referenciar: Uma proposta de Manual para profissionais na área da violência familiar / entre parceiros íntimos**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2012.

REIS, T; RAMOS, M. Trabalho psicológico compulsório com homens envolvidos em violência doméstica. **Psicologia IESB**, v. 2, n. 1, p. 70–80, 2010.

RODRIGUES, Ana Sofia Nóbrega. **Contigo ou sem ti: avaliação da eficácia de um programa de intervenção dirigido a agressores conjugais**. 2018. 52 f. - Dissertação (Mestrado em psicologia da educação) - Universidade da Madeira, 2018. Disponível em: <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/2286/1/MestradoSofiaRodrigues.pdf>.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 36. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth I B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. **Técnicas de entrevista : método, planejamento e aplicações**. 1 ed. São Paulo: Vetor, 2016. *E-book*. Disponível em: <https://www.bvirtual.com.br/NossoAcervo/Publicacao/189666>.

SCOTT, Juliano Beck; OLIVEIRA, Isabel Fernandes de. Perfil de homens autores de violência contra a mulher: uma análise documental. **Revista de psicologia da IMED**, v. 10, n. 2, p. 71–88, 2018.

SERAFIM, Antonio De Pádua; SAFFI, Fabiana. **Psicologia e práticas forenses**. [S. l.: s. n.], 2014. *E-book*. Disponível em: <https://www.dilivros.com.br/livro-psicologia-e-praticas-forenses,se6423.html>. Acesso em: 7 nov. 2022.

SILVA, Fagner Cipriano da *et al.* Prevenção e promoção de saúde em grupos reflexivos para homens autores de violência. *In:* , 2019, Canoas. **EXPOULBRA - XI SALÃO DE EXTENSÃO**. Canoas: [s. n.], 2019.

SILVA, Evani Zambon Marques da; ROVINSKI, Sonia Liane Reichert. A família no judiciário. *In:* BAPTISTA, Makilim Nunes; TEODORO, Maycoln L M (org.). **Psicologia da família: teoria, avaliação e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 209–224.

SPINK, Mary Jane P. Psicologia Social e Saúde: trabalhando com a complexidade. **Quaderns de Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 41–56, 2010. Disponível em: <https://quadernsdepsicologia.cat/article/view/752>. Acesso em: 13 nov. 2022.

TUTTY, Leslie M. *et al.* An Evaluation of Men's Batterer Treatment Groups. **Research on Social Work Practice**, v. 11, n. 6, p. 645–670, 2001. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/104973150101100602>.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos feministas 2**, v. 9, p. 460–482, 2001.

World Health Organization. Live life: an implementation guide for suicide prevention in countries. Geneva: World Health Organization, <https://apps.who.int/iris/handle/10665/341726> (2021, accessed 2 September 2021).

YOSHIDA, Elisa Medici Pizão. Psicoterapia breve psicodinâmica: critérios de indicação. *In:* , 2001, São Paulo. **I Congresso de Psicologia Clínica**. São Paulo: [s. n.], 2001. p. 43–51.

**ANEXO 1 - Formulário de entrevista**

**ENTREVISTA COM HOMENS ENVOLVIDOS  
EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA**

Data: \_\_\_\_\_

**01 - Dados de Identificação:**

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

\* E-mail (gmail para GRG): \_\_\_\_\_

Endereço atual: \_\_\_\_\_

Telefone de contato: \_\_\_\_\_

Contato de emergência (nome/parentesco/telefone): \_\_\_\_\_

Escolaridade (se tem curso superior – qual o curso exerce):

\_\_\_\_\_

Estado Civil: ( ) casado ( ) solteiro ( ) união estável ( ) divorciado ( ) outros

Que raça/etnia você se identifica? \_\_\_\_\_

Você pratica alguma religião? Qual? \_\_\_\_\_

Qual a sua percepção com relação ao atendimento psicológico/ psiquiátrico?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Já fez tratamento psicológico anteriormente? ( ) sim ( ) não

Motivo:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Já fez tratamento psiquiátrico anteriormente? ( ) sim ( ) não

Motivo:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## NASVID - NÚCLEO DE ASSISTÊNCIA ÀS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Uso de medicação atual? ( ) sim ( ) não | Medicamentos psiquiátricos que já usou e/ou segue usando:

MEDICAÇÃO	DOSAGEM	POSOLOGIA	TEMPO DE USO

Possui algum problema de saúde, faz tratamento para doenças crônicas, já passou por alguma situação traumática? Algum problema relacionado à aprendizagem escolar?

---



---



---

Faz uso de alguma SPA? Com que frequência?

---

### 02 - Situação Funcional:

Atividade

profissional: \_\_\_\_\_

Se empregado, quanto tempo se encontra no último emprego: \_\_\_\_\_

Possui outra atividade remunerativa: ( ) sim ( ) não

Recebe algum auxílio financeiro?

---

### 03 - Situação Familiar:

Com quem vive atualmente: \_\_\_\_\_

Reside em casa ( ) própria ( ) área verde ( ) aluguel ( ) na casa de terceiros, quem:

---

---

Possui filhos: ( ) sim ( ) não quantos: \_\_\_\_\_

De mais de um relacionamento? ( ) sim ( ) não

---

---

---

Idade dos filhos: \_\_\_\_\_

Se criança ou adolescente, quem está com a guarda: \_\_\_\_\_

Convive com os filhos: ( ) sim ( ) não

Se não, há quanto tempo? \_\_\_\_\_

Como se dá o contato com os filhos?

---

---

**NASVID - NÚCLEO DE ASSISTÊNCIA ÀS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA****04 - Relação com atos de violência que geraram este processo:**

Quem realizou a denúncia?

---

Qual o motivo do processo na sua percepção?

---



---



---

Possui processo de separação na Vara de Família?

---



---



---

Por ocasião da situação de violência que gerou o presente processo você estava:

( ) sóbrio ( ) tinha ingerido bebida alcoólica ( ) tinha usado drogas

Quais e quantidades?\_\_\_\_\_

Em relação à situação de violência, o quanto você se percebeu agressivo/hostil?

---

Numa escala de 1 à 10 em nível de agressividade, como se classificaria:\_\_\_\_\_

Obs:\_\_\_\_\_

---

**05 - Em relação ao processo:**

Quantas vezes se envolveu com processos relacionados à Lei Maria da Penha?

Com a vítima \_\_\_\_\_

Com outros relacionamentos \_\_\_\_\_

Qual o motivo de cada um destes processos?

---

---

---

**NASVID - NÚCLEO DE ASSISTÊNCIA ÀS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

**06 - Já respondeu a outros processos criminais (descreva)?**

---

---

---

---

**07 - Já esteve recolhido no sistema prisional ou na delegacia? Por quê?**

---

---

---

---

**08- Possui porte de armas?**

---

---

---

**09- Já foi chamado no conselho tutelar (qual motivo)?**

---

---

---

---

**10 - Lembra de em algum momento de sua vida ter presenciado violência doméstica por seus pais, avós, tios, pessoas com as quais você convivia, quando criança ou adolescente?  
Na vida adulta?**

---

---

---

---

---

**11 - Seus pais foram acionados por algo que envolvia você? (escola/ instituições/ conselho tutelar...)?**

---

**12 - Algum fato de relevância marcou sua vida?**

---

---

---

**NASVID - NÚCLEO DE ASSISTÊNCIA ÀS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

**13 - Já se deparou com situações de crise (tristeza profunda, sentimento de vazio, desvalorização, ansiedade, desmotivação significativa, pensamentos persecutórios....) Já pensou em tirar a própria vida?**

---

---

**14- Teve que ficar internado ou buscou atendimento em função disso (descreva o fato – atual e passado - como está a situação)?**

---

---

---

**15 - Como se sente em ter que responder processo por situação de violência doméstica (descrever)?**

---

---

---

---

**16 - Qual a sua expectativa em relação ao Grupo de Reflexivo/ atendimentos Individuais em Psicoterapia?**

---

---

---

**NASVID - NÚCLEO DE ASSISTÊNCIA ÀS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

**17 - Dados entrevista livre (anamnese):**

---

---

---

---

---

Nº do processo: \_\_\_\_\_

Entrevista realizada pelo(a) acadêmico(a):  
\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
**Assinatura do Técnico Responsável**